



A Santa Sé

**DISCURSO DO PAPA FRANCISCO
À COMUNIDADE DA UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
POR OCASIÃO DO 50º ANIVERSÁRIO DA SUA INSTITUIÇÃO**

*Sala Clementina
Quinta-feira, 26 de outubro de 2017*

[Multimídia]

*Grão-Chanceler,
Magnífica Reitora,
Amados professores e alunos,
Queridos irmãos e irmãs!*

Sabendo da minha impossibilidade de visitar a sede central da Universidade por ocasião da peregrinação ao Santuário de Fátima em maio passado, uma sua qualificada representação prontificou-se a visitar-me na Sé de Pedro. Com alegria vos acolho e, de coração, vos saúdo. Agradeço ao meu irmão cardeal Manuel Clemente a saudação que me dirigiu, apresentando-me as esperanças e lutas de quantos hoje – como ontem – amam, fazem e são esta comunidade universitária. Congratulo-me com a Igreja em Portugal que a quis, promove e apoia, e que pode contar com uma leitura aprofundada dos tempos que correm e sobretudo com a formação superior dos guias do povo de Deus e dos líderes que a sociedade precisa. Completam-se agora *cinquenta anos* de serviço ao crescimento da pessoa e da comunidade humana: obra de construção em tempos relativamente breves para a primeira, é obra sem fim para a segunda. Longa vida, pois, à Universidade Católica Portuguesa!

1. Por natureza e missão, *sois universidade*, isto é, abraçais o universo do saber no seu significado humano e divino, para garantir aquele olhar de universalidade sem o qual a razão, resignada com modelos parciais, renuncia à sua aspiração mais alta: a de buscar a verdade. À vista da grandeza do seu saber e do seu poder, a razão cede perante a pressão dos interesses e a atração da utilidade, acabando por a reconhecer como seu último critério.

Mas, quando o ser humano se entrega às forças cegas do inconsciente, das necessidades

imediatas, do egoísmo, então a sua liberdade adoece. «Neste sentido, ele está nu e exposto frente ao seu próprio poder que continua a crescer, sem ter os instrumentos para o controlar. Talvez disponha de mecanismos superficiais, mas podemos afirmar que carece de uma ética sólida, uma cultura e uma espiritualidade que lhe ponham realmente um limite e o contenham dentro dum lúcido domínio de si» (Francisco, *Laudato si'*, 105). Com efeito, a verdade significa mais do que saber: o conhecimento da verdade tem como finalidade o conhecimento do bem. A verdade torna-nos bons, e a bondade é verdadeira.

É justo que nos interroguemos: Como ajudamos os nossos alunos a não olhar um grau universitário como sinónimo de maior posição, sinónimo de mais dinheiro ou maior prestígio social? Não são sinónimos. Ajudamos a ver esta preparação como sinal de maior responsabilidade perante os problemas de hoje, perante o cuidado do mais pobre, perante o cuidado do meio ambiente? Não basta realizar análises, descrições da realidade; é necessário gerar espaços de verdadeira pesquisa, debates que gerem alternativas para os problemas de hoje. Como é necessário descer ao concreto!

2. Por desígnio e graça de Deus, *sois universidade católica*, uma qualificação que em nada mortifica a universidade, antes valoriza-a ao máximo; pois, se a missão fundamental de toda universidade é «a investigação contínua da verdade mediante a pesquisa, a preservação e a comunicação do saber para o bem da sociedade» (João Paulo II, Cons. ap. *Ex corde Ecclesiae*, 30), uma instituição académica católica distingue-se pela inspiração cristã dos indivíduos e das próprias comunidades, consentindo-lhes incluir a dimensão moral, espiritual e religiosa na sua investigação e avaliar as conquistas da ciência e da técnica na perspetiva da totalidade da pessoa humana. Como afirma *João Paulo II*, «as ciências humanas, apesar do grande valor dos conhecimentos que oferecem, não podem ser assumidas como indicadores decisivos das normas morais deste caminho» (Enc. *Veritatis splendor*, 112). A isto me referia ao falar de razão equivocada quando reconhece como seu último critério a pressão dos interesses e a atração da utilidade. «É o Evangelho que descobre a verdade integral sobre o homem e sobre o seu caminho moral, e assim ilumina e adverte os pecadores anunciando-lhes a misericórdia de Deus, (...) lembra-lhes a alegria do perdão, o único capaz de conceder a força para reconhecer na lei moral uma verdade libertadora, uma graça de esperança, um caminho de vida» (*ibid.*, 112).

Poderia alguém objetar que uma tal docência universitária tiraria as suas conclusões da fé e, por isso, não poderia pretender a validade das mesmas para quantos não partilham desta fé. É verdade que não partilham a fé, mas serve-lhes a razão ética proposta. Explico-me. Por detrás do docente católico fala uma comunidade crente, na qual, durante os séculos da sua existência, amadureceu uma determinada sabedoria da vida; uma comunidade que guarda em si um tesouro de conhecimento e de experiência ética, que se revela importante para toda a humanidade. Neste sentido, o docente fala não tanto como representante duma crença, como sobretudo testemunha da validade duma razão ética.

3. E, por fisionomia e presença, sois *universidade portuguesa*, constituindo mais um sinal de esperança, que a Igreja oferece ao País, ao colocar à disposição da nação uma instituição cultural que, tendo como objectivo o aperfeiçoamento cristão do homem, é chamada precisamente a servir a causa do homem, na certeza de que – como ensina o Concílio Vaticano II – «aquele que segue Cristo, o homem perfeito, torna-se mais homem» (*Gaudium et spes*, 41).

Acenava atrás à necessidade de se descer ao concreto, queria aqui lembrar o princípio da encarnação na pele do nosso povo. As suas perguntas ajudam-nos a questionar-nos; as suas batalhas, sonhos e preocupações possuem um valor hermenêutico que não podemos ignorar, se quisermos deveras levar a cabo o princípio da encarnação. O nosso Deus escolheu este caminho: encarnou-Se neste mundo, atravessado por conflitos, injustiças e violências, atravessado por esperanças e sonhos. Por conseguinte não temos outro lugar onde O procurar a não ser no nosso mundo concreto, no vosso Portugal concreto, nas vossas cidades e aldeias, no vosso povo. Lá Ele está a salvar.

«Em Portugal, se conservará sempre o dogma da fé» (*Memórias da Irmã Lúcia*, IV, n.º 5): esta é uma promessa do Céu deixada em Fátima há cem anos, tão consoladora como empenhativa, sabendo nós que Deus criou sozinho o homem, mas não quis salvá-lo sozinho; espera a nossa colaboração. Também a colaboração da Universidade Católica Portuguesa, nascida há cinquenta anos, sendo estes vividos sob o signo da consagração da comunidade académica ao Imaculado Coração de Maria. Fez-me muito bem à alma poder inserir-me na oração do bom povo português e demais filhos d'Ela. Como então vos disse, fui lá «venerar a Virgem Mãe e confiar-Lhe os seus filhos e filhas. Sob o seu manto não se perdem; dos seus braços virá a esperança e a paz de que necessitam» (*Homilia*, 13/V/2017).

Com esta certeza que personalizo a bem de toda a família dirigente, docente, discente, administrativa e benfeitora da vossa instituição académica, renovo as minhas felicitações pela data jubilar e abençoo a todos, com o seu trabalho e as suas iniciativas. Acompanho-vos com as minhas preces e, por favor, também vós não vos esqueçais de rezar por mim. Obrigado!